

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO



Director: AGACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lda

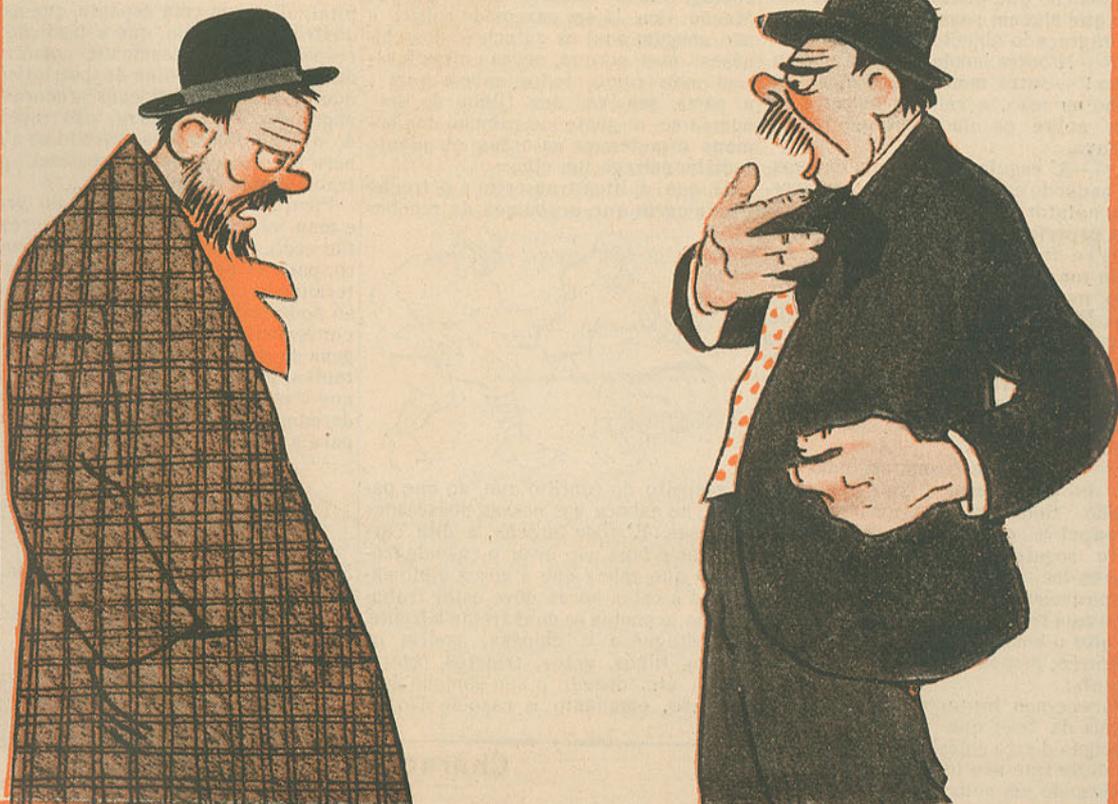
Redação, Administração e Oficinas — Rua do Século, 43—Lisboa

Reviravolta

«Os bolchevistas na Russia delibaram
trabalhar 12 horas por dia».

(Dos jornaes).

Por Bayreuth



— Quê? pois já não és bolchevista?!
 — Isso sim! Com um telegrama d'estes, faço-me burguês!



PALESTRA AMENA

Carnaval

Sim, senhores: estamos a oito dias de distancia do Carnaval, d'esse periodo de loucura em que Lisboa costuma divertir-se... divertir-se... divertir-se á bruta, se nos permitem o modo de dizer popular, que se emprega ás vezes rimado. Estamos a oito dias de distancia e a doídice já campeia infrene — oh! infrenissima! — por essas ruas, conforme tivemos occasião de presenciar hontem, domingo magro, precursor da formidavel festança, que se aproxima.

E não foi preciso afastarmo-nos muito de casa para sentirmos a alegria estonteante d'este bom povo de Lisboa, as suas graças, as subtilzas do seu espirito. Na rua onde moramos e que é das mais pacatas da freguezia de Santa Isabel — a freguezia socegada, por excellencia, digna da pacifica rainha que lhe deu o nome — vimos, com intimo regosijo, nada menos do que o seguinte:

1.º — Em cada uma das janelas uma menina, toda em risos, com um penacho de papel pendurado com uma gaita, penacho que puxava e deixava cair logo que alguém passava ao alcance de tão engraçado objecto.

2.º — N'outra janela — ó supremo enghenho! — outra menina, com um espelhinho na mão, a refletir os raios solares sobre os olhos de quem na rua passava.

3.º — A' esquina, um grupo de rapazes nadando em jubilo. Motivo do exercicio natatorio: um d'elles tinha na mão uma especie de pinça de madeira, que abria e fechava; á dita pinça estava preso um cordel, cuja ponta outro mancebo, na varanda d'um 1.º andar, segurava. Passava um sujeito desprevenido: o rapaz da pinça prendia esta na aba do chapéu do paciente, o mancebo da varanda puxava, o chapéu subia e a transeunte levava as mãos á cabeça, desesperadamente. De aí, galhofa de estrondo.

4.º — N'outra esquina, segundo grupo, ás gargalhadas. Um menino já grande tinha na mão um carapuço de papel e quando passava um incauto seguia-o pé ante pé e encarapuçava-lhe o chapéu. Feito isto, os companheiros do gracioso menino começavam todos a berrar: — Pum! pum! até que o homem desconfiava, tirava o carapuço, pisava-o e continuava o seu caminho.

Parece-nos bastante, para demonstração da tese que apresentámos no principio d'esta palestra. Ah! esquecíamos dizer que não longe vimos um cão praticando um acto tambem evidentemente carnavalesco, mas é licito supôr que não fosse propositado, pelo que não deve ser incluído na conta das diversões ou entrudadas do dia.

Bem. Imaginam os senhores que haja povo no mundo tão elegante como este? Qual carnaval de Veneza, de Nice, etc. qual diabo! Se depois d'estes indi-

cios, os tres dias de carnaval não forem uma d'estas bacanaes da gente ficar de boca aberta durante o resto da vida, então o calculo das probabilidades não passa d'uma leria inventada pelos matematicos n'um dia em que se juntaram n'algun jantar de confraternisação e se embedaram até cair de assento — carnavalescamente falando, porque tambem temos direito a largar a nossa piadinha e a ter, pelo menos, tanta graça como os esperançosos varões da pinça e do carapuço de papel e as igualmente esperançosas fêmeas dos penachos e do espelhinho.

Ora os estupôres!

J. Neutral.

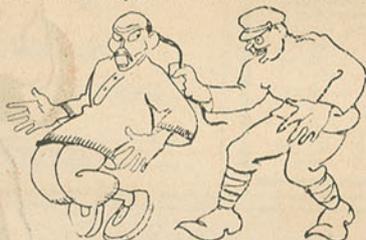
Nós e a China

«Dizem os jornais que os chinêses se estão fazendo finos commosco e que, mais dia menos dia, temos disputas em Macau,—uma terra que a maior parte da gente só conhece pela quadra de Bocage:

Se o Padre-Santo tivesse
Um pé assim, Nicolau,
Etc.

Pois d'esta vez ainda não treme o portuguezinho valente, não só porque Macau fica lá em cascos de rolhas e não chegam aquil os guinchos dos chinêses, mas porque, se as coisas levarem mau rumo, todos sabem qual é a parte sensível dos filhos do sol: agarra-se a gente ao rabicho dos homens e metem-se na ordem enquanto o diabo esfrega um olho.»

O que aí fica transcrito é o trecho d'uma carta que acabamos de receber



a respeito do conflito que, ao que parece, se esboça nas nossas possessões chinêses. E' toda laracha, a dita carta, mas é bom não levar o caso de troça. O que vale é que a nossa diplomacia já a estas horas deve estar trabalhando, e postas as duas frente a frente, a portuguezsa e chinêsa, podem os nossos filhos, netos, trinnetos, tetarinetos, etc. dormir o seu soninho descançado, enquanto o caso se não resolve.

Charadas

Decifração da do n.º 1154, do Seculo Comico

Sabe a charada qualquer
Que seja da Lourinhã:
E' Ana por ser mulher,
Por ser pequena é anã.

Ignotus 2.º

A descoberta de Coimbra

Temos hoje a dar uma novidade sensacional aos nossos leitores: um grupo de intrepidos viajantes, dominados pelo espirito de aventura que é uma das características da nossa raça internou-se por desconhecidas regiões e depois de seis horas de jornada, durante a qual assinalou alguns nucleos de povoados, em relativo estado de adiantamento, descobriu uma grande cidade, lá para o norte, revelando uma civilisação que muita admiração causou aos lisboetas. Ali encontraram todos os requintes do progresso, em muitos pontos superior ao da propria ca-



pital, ali viram com espanto, que as industrias floresciam, que a tradição se respeitava carinhosamente, como uma das muis puras fontes de patriotismo, que ali todos os indigenas procuravam engrandecer a sua terra, não invejando o exito alheio mas revendo-se n'ele, para o exceder, sendo possível, pelo trabalho e pela intelligencia.

Ficaram embasbacados os do grupo e mau foi que tivessem de regressar tão cedo. Como vai a paiz estrangeiro, para se aperfeçoar, o aluno de determinado curso e do qual em Portugal só pode colher as bases, assim seria conveniente e util que em tais paragens se demorassem alguns dos visitantes, para que aprendessem e depois nos viessem ensinar como se vive modernamente, em constante caminhar para a perfeição.

DE FÓRA

A lei do roubo

Se a guerra é uma lei da natureza, O roubo é uma lei da sociedade; Coisa que está provada á sociedade Nesta pandega terra portuguezsa.

Rouba o comerciante com presteza, O financeiro com habilidade, D. João, o terror da humanidade, Rouba ás virgens o encanto da pureza.

Rouba o actor a graça a varias cenas, Roubam centenas de açambarcadores, Aumentando do povo as negras penas;

E eu, que vivo de lérias e de amôres, Roubo, umas vezes, beijos ás pequenas, E, outras vezes, o tempo dos leitores.

Bramão d'Almeida.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Amétade du mê curasão:

Lanso mão da pena im prumeiro lugar pra çaber da tua católeca i mal da ubrigação i ós póis pra te praticipar que touda a jente de triatro finje agora que istá munto iscamada cum um depotado pur ele dezer cu ator Berazão já nan istá im idade de fazer galanses; finje digo eu i digo ben, purque cantas peçoas de eças nu fundo ce ficaram a rir pur cosa de verem u cullega Berazão arraliado! Imfim, pença-ce im dar uma janturada ó ome nan có como estifação mas tamem pra elle mostrar que aindas tem estamago de rapaz i ochalá que elle nan e metta tanto pellas comidas i pellas bubidas que vanha a arrebintar. Lonje vá u agoiro, á mãe Jasus Maria Esdê. Agora canto a nuvidades de pessas porpiamente dittas tanho a dezerte cu Ruquete da dona prapetua que deus aja fez u frei Tumaz cujo este é a istoira d'um papagaio munto indesente que istá a uma ginela i deita pingos de toxa pra riba de touda a jente que paça. Ora nan é có u papagaio que é indesente na cedade adonde ce paça a pessa: u médeco é um patiffe d'alto lá cum u xaruto purque quer vinder agua xilra cum bicrabunato de códa, um buticario idái, um participante da butica tan istupedo que teem tinsão di o fazer menistro, um mersieiro que rouba nu peso, uma mana du ditto que idái, um inginheiro que faz trosa de toudos,



um padreca que tamem ajuda á inturjice—imfim, á có uma menina temte nan caias cum respêto a onradezes i a mãi de ela que tamem nan é má peço, nan desfazendo. Axo caquillo, cumo u triatro normal é pra inducasão pur cer du istado é pra inducar a jente da pruvincia i quer dezer que nan cejam tan maroutos que parese mal çobretudo ás classias brugezas, de maneiras que inté pode cer ca pessa ceja bulxevrista u diabo u jure!

Nan tanho oje tempo pra te fallar n'um tal cháquespirra que levou uma pessa na trindade xamada u marcador de veneza, mas fica já çabendo que é um rapaz d'alguma abelidade i que se cuntinuar a fazer açim pessas de çuacidade cum u Andrés Brun é pucivel ca indas vanha a cer tan nutavel cumo á praçaria du Arnesto Rudrigues. Par aqui me fico cem mais aquellas pur-

EM FOCO



O sapateiro

Esse do tirapé, que a linha puxa,
Que bate no Joelho o du o coiro,
Esse heroi da soveta, por desdoiro
D'antes denominado mestre bucha;

Hoje, enquanto o freguês vive á capucha,
E por viver trabalha como um moiro,
Tem tripé de pau santo e pregos d'oiro,
Disfruta do melhor, e gosa, e luxa.

Quando o vejo passar, eu reverente,
Como se o corpo meu tivesse molas,
Recurro-me a tremer, humildemente;

Pois que menos fará um triste bolas
A quem lhe fez a honra transcendente
De deitar n'umas botas meias solas ? !

BELMIRO.

que tanho de pratir pra Cuimbra cum oitros culegas da im prença de vesita á dona inês de castro, doitor quim Martins i oitros monumentos d'aquella cedade. Queres çaber? parese-me ca lsprança Iris maxicana vai dar alguns ispetacolos a Pêras Ruivas: ó principio tincionava ir a paris, londres, madride i Braselona, ós pois có a madride i Braselona; ós pois desistiu i diz que ia ó Porto i por fim a Pêras Ruivas. Ce acim fôr vão vossês ver aí uma mulher que valle vinte oirivesarias juntas cum um pernaó i peras! Asseita sódosos brassos apretadados i cinse ros i u curasão cempre ás ordes du teu isposou interno i ubrigado.

Jerolmo,
Emprezario do Pauliteama
de Peras Ruivas.

Intelectuais e manuais

Discute-se agora muito qual vale mais, se o trabalho manual se o intelectual, dividindo-se as opiniões, que são as mais contraditorias, desde a que julga que só é trabalho o manual até á que só dá fóros de trabalho ao intelectual.

A este respeito consultámos os interessados dos dois campos e, das informações colhidas, deduzimos que tanto é trabalho o da cabeça como o das mãos; a dificuldade consiste em dar-lhes o valor que devem ter com relação um ao outro, para que lhes seja concedida uma remuneração equitativa, pelo que, depois de longas experiências a que procedemos, resolvemos apresentar, á consideração dos intelectuais e dos operarios o seguinte esboço d'uma tabela de equivalencia:

I—Um poema épico, os Luziadas, por

exemplo—vale uma duzia de pares de botas.

II—A solução d'um problema de matematica—tres horas de trabalho d'uma mulher a dias.

III—A planta d'um edificio—um fato de bom cheviote.

IV—Uma descoberta astronomica—uma duzia de colarinhos.

V—Um invento fisico ou quimico—



meia duzia de barbas e um corte de cabelo.

VI—Um livro de ciencia—uma caialda na frontaria do predio.

VII—Um romance—um mez de roupa lavada e engomada.

Por ser demasiado extensa a tabela que elaborámos, não a podemos publicar toda; esta amostra, porém, é bastante para que os interessados se pronunciem sobre a possibilidade da sua aceitação.

Correspondencia

Alice R.—Se fossemos papá da menina davamos-lhe uma duzia de palmatoadas. Ler um romance d'esses uma menina que quer ser bem educada! Que vergonha.

Simão (Figueira)—Wossa senhoria é um idiota.

Tonto é quem lh'o chama



— A Inglaterra reclama vossa magestade...

— Dize-lhe mais uma vez que estou maluco. Tantas vezes o havemos de dizer, que hão de acabar por acreditar.